
Daxiyangguo

Portuguese Journal of Asian Studies | Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos

ISSN: 1645-4677 | ISSN-e: 2184-9129 | 2023, 2.º semestre, Número 31, páginas 55-66

DOI: 10.33167/1645-4677.DAXIYANGGUO2023.31/pp.55-66

A Permanente Ameaça do Jihadismo Salafista à Segurança Global: Os Velhos e os Novos Santuários Terroristas

Salafist Jihadism's Ongoing Threat to Global Security:
The Old and New Terrorist Sanctuaries

João Henriques*

* OBSERVARE – Observatório de Relações Exteriores, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal;
Email: jhenriques@mail.com

RESUMO

Do conjunto de ameaças à segurança interna da União Europeia, é inevitável abordar a situação de fragilidade a que a fronteira sul do território passou a conhecer, tendo em consideração a preocupante exposição ao terrorismo internacional proveniente do continente africano, em particular ascensão ao longo dos últimos anos, protagonizado por organizações jihadistas salafistas globais, como são os casos da Al Qaeda (organização islamista associada aos ataques terroristas ao World Trade Center, em 2001. O nome deriva do árabe, significando literalmente “A Base”), e mais recentemente do DAESH (acrónimo do nome árabe da Organização, *al-Dawla al-Islamiya fi al-Iraq wa al-Sham*, traduzido como “Estado Islâmico no Iraque e na Síria”), neste caso como resultado da sua debandada dos territórios sírio e iraquiano, em 2019, por força da intervenção da coligação internacional. Esta expansão em direção a África tem resul-

tado num claro benefício para as principais organizações terroristas, em consequência dos inúmeros conflitos regionais ou das disputas religiosas e étnicas em curso e do enfraquecimento das suas lideranças e instituições, criando indesejáveis condições para o surgimento de *Estados falhados*, verdadeira e perigosamente potenciadores de *santuários* terroristas.

Palavras-chave: Jihadismo Salafista; Santuários Terroristas

ABSTRACT

Of the set of threats to the internal security of the European Union, it is inevitable to address the situation to which the southern border of the territory has become increasingly exposed, taking into account the worrying exposure to international terrorism originating from the African continent, in particular rising over the last few years, led by global Salafist jihadist organisations, such as Al Qaeda (an Islamist organisation associated with the terrorist attacks on the World Trade Center, in 2001. The name comes from Arabic, literally meaning “The Base”), and more recently DAESH (acronym for the Organisation’s Arabic name, *al-Dawla al-Islamiya fi al-Iraq wa al-Sham*, translated as “Islamic State in Iraq and Syria”), the latter as a result of its stampede from the Syrian and Iraqi territories, in 2019, due to the intervention of the International Coalition. This expansion has clearly benefited from the numerous ongoing regional conflicts or religious and ethnic disputes and the consequent weakening of their leaderships and institutions, creating undesirable conditions for the emergence of *failed states*, truly and dangerously enhancing terrorist *sanctuaries*.

Keywords: Salafist Jihadism; Terrorist Sanctuaries

1. Introdução

A segurança da Europa está cada vez mais ligada com a da região MENA (Middle East and North Africa), o que já levou a União Europeia a promover ao longo dos últimos anos uma série de acordos com os países daquela região, no intuito de alcançar uma maior estabilidade política e social no espaço mediterrânico, à luz do reconhecimento da necessidade de enfrentar os desafios e ameaças à segurança das suas populações.

Com o advento da *Primavera Árabe*, e das suas inúmeras *réplicas*, os desafios da União Europeia intensificaram-se, sobretudo após o envolvimento de grupos terroristas islamistas como o DAESH, e dos múltiplos conflitos armados na região. As sociedades europeias são agora confrontadas com uma estratégia cuidadosamente planeada por esta organização terrorista, contando com um largo recrutamento de cidadãos de países ocidentais.

Na Europa Ocidental, tem-se registado ao longo dos últimos anos, um aumento contínuo do número de ataques terroristas. A situação agravou-se com

o início da guerra civil na Síria, em 2011, e o posterior regresso aos países de origem de muitos dos chamados *combatentes estrangeiros* (*foreign fighters*). Neste contexto, a União Europeia viu-se na contingência de criar um vasto conjunto de instrumentos legais de modo a enfrentar o terrorismo de uma forma integrada, o que passou a compreender uma permanente interação com os países da região MENA e as instituições orientadas para a segurança.

Também para a FRONTEX (Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira), na sua análise de risco para este ano de 2023, a região do Sahel passou, mais do que nunca, a constituir uma séria ameaça à segurança da Europa, tendo como fatores dominantes a migração irregular e a sua instrumentalização, a criminalidade organizada e o terrorismo transfronteiriço. A Europa tornou-se, assim, um destino cada vez mais importante e apelativo para estes atores não estatais.

O crescimento do terrorismo passou, assim, a ser entendido como uma considerável ameaça à paz e à segurança internacionais, atualmente sentida com mais intensidade e dramatismo em África. As organizações e os grupos terroristas, com destaque para o DAESH e a Al Qaeda, diretamente e/ou através dos seus afiliados exploram a instabilidade e os conflitos locais para aumentar as suas atividades e intensificar os ataques em todo o continente. Ao longo dos dois últimos anos, algumas das filiais mais violentas do DAESH têm-se expandido e aumentado a sua presença no Mali, no Burquina Faso e no Níger, e, igualmente, para sul, até ao Golfo da Guiné, algo que dura já há vários anos, mas que, atualmente, ocorre num contexto de deterioração da segurança na região devido à retirada das tropas ocidentais, à emergência do grupo Wagner e à expansão do crime organizado. Segundo o *Instituto Español de Estudios Estratégicos*, “esta estratégia de reposicionamento responde a múltiplos objetivos: um duplo objetivo político, a confirmação do seu papel de protetor dos muçulmanos oprimidos e a instauração de um califado”.

2. O Jihadismo Salafista no Sahel: a atual situação

A região central do Sahel tem vindo a enfrentar uma grave crise humanitária e de proteção que já obrigou milhões de pessoas a abandonar as suas casas, a fim de escapar a uma permanente violência causada pelo desemprego, pelas mudanças climáticas, pela degradação da terra e por um futuro incerto, onde a ausência de meios de subsistência leva a população mais jovem a voltar-se cada vez mais para o crime organizado e para a sua integração em grupos violentos, numa região onde 64,5 por cento da população tem menos de 25 anos, fazendo com que, de conformidade com a *Catholic Relief Services*, seja uma das maiores do mundo.

Bem próxima da fronteira sul da Europa, a região do Sahel tornou-se o epicentro mais preocupante da atividade terrorista global. Após a sua expulsão da Argélia, os jihadistas da Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) estabeleceram um *santuário* no deserto do Sahel, onde continuaram as atividades de recrutamento e radicalização junto de populações profundamente fragilizadas e permeáveis à retórica jihadista. Neste contexto particularmente favorável ao seu processo doutrinário, a liderança da AQMI rapidamente espalhou a sua influência e poder no Mali, no firme desejo de instauração de um califado islamista em toda a região.

Com as alianças entre grupos terroristas que, entretanto, se foram formando as campanhas de terror expandiram-se a partir do seu epicentro no Mali para a região de Liptako-Gourma, também conhecida como a *Zona das Três Fronteiras (Tri-Border)*, situada nas fronteiras do Mali, do Burquina Faso e do Níger, que passou a concentrar enormes ameaças à segurança, onde operam vários grupos radicais e do crime organizado, para além da existência de conflitos comunitários violentos.

De acordo com um relatório do *Africa Center for Strategic Studies*, de 2022, as cinco principais zonas de violência islamista são:

1. A *Tri-Border, Zona das três Fronteiras*, abrange partes norte do Mali, Burquina Faso e Níger. Esta zona tornou-se o epicentro da violência no Sahel. Vários grupos lutam sob a bandeira da coligação Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin (JNIM). Outros estão alinhados com o Estado Islâmico no Grande Sahara (ISGS);
2. O Norte Central do Burquina Faso;
3. O Mali Central;
4. O Sudeste e o Sudoeste do Burquina Faso;
5. O Níger Ocidental.

Os conflitos armados, as epidemias, a fome, as catástrofes naturais (terramotos, tsunamis, erupções vulcânicas, inundações, avalanches, secas, tempestades ou ciclones), biológicas (epidemias, pragas), o terrorismo e outras emergências graves, muitas vezes numa combinação de elementos naturais e humanos, são fatores que inevitavelmente configuram uma ameaça que envolve tragicamente a população civil, dando frequentemente lugar a enormes fluxos migratórios em direção à Europa, provenientes do Grande Médio Oriente e do continente africano. Estes contextos já de si bem desfavoráveis, são agravados por lideranças repressivas e pela limitação de oportunidades de natureza económica, o que dá lugar a uma atmosfera fortemente propiciadora

à difusão da retórica jihadista salafista, levando a que a presença do DAESH e da Al Qaeda, diretamente ou através de grupos afiliados, seja marcada por uma crescente atividade terrorista, mais mortífera do que em anos anteriores. No caso da Al Qaeda, com a declaração formal de uma nova liderança - Seif al-Adel -, em consequência da morte de Ayman al-Zawahiri, a organização alargou as suas filiais do Levante a África, passando pelo Sul da Ásia, com a particularidade de atuarem, na atualidade, bastante mais autónomas relativamente à organização central (*Nation World News Desk*, 2 de janeiro de 2023).

Do ponto de vista da sua influência territorial, a filial da Al Qaeda no Iémen, conhecida como Al Qaeda na Península Arábica (AQAP) continua a ser a mais perigosa e em melhores condições de atacar o Ocidente. Igualmente preocupante é a ação da sua filial na Somália, conhecida como Al-Shabaab, que tem apoiado financeiramente a liderança central da Al Qaeda, e que desde há muito tempo tem manifestado o firme propósito de atacar alvos norte-americanos e ocidentais em África e noutros territórios, o que levanta a questão de uma nova dinâmica global protagonizada pela Organização.

A par da Al Qaeda, outros grupos terroristas, com destaque para as filiais do DAESH, o seu principal concorrente pela hegemonia do jihadismo salafista global, têm vindo a progredir muito rapidamente na região do Sahel e nos países da costa atlântica do continente africano. A situação tem vindo a agravar-se com a diminuição da presença de forças ocidentais nestes territórios, o que poderá criar condições favoráveis a acções terroristas fora do continente africano (*Voice of America*, 29 de dezembro de 2022).

De acordo com os dados do *Índice Global de Terrorismo* (GTI, 2023), 48 por cento das mortes resultantes de ataques terroristas a nível mundial ocorreram na África Subsariana, sendo a região do Sahel a que mais sofre com o que é considerado como o crescimento mais rápido e mortífero do mundo. O DAESH é responsável pelo maior número de baixas registadas em grande parte da África, do Médio Oriente e da Ásia Central. A organização é secundada pelo Al-Shabaab, na Somália, pelos Talibãs, no Afeganistão, e pela coligação Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin (JNIM), conjunto de grupos filiados na Al Qaeda. Já na região do Sahel e na Somália, segundo os números do *Africa Center for Strategic Studies*, a violência jihadista representou 77 por cento do total dos acontecimentos relatados em toda a África, ao longo de 2022. No Sahel, em particular — Burquina Faso, Mali e Níger ocidental — foi registada a maior escalada de eventos violentos ligados a terroristas islamistas, saldando-se no dobro das mortes provocadas, desde 2020.

As perspetivas para a região do Sahel são bastante pessimistas face ao recuo democrático e ao conseqüente aumento da insegurança. As mais recen-

tes investigações do *Center for Strategic & International Studies* revelam que as mortes causadas pela ação de grupos islamistas aumentaram 63 por cento, em 2022, elevando o seu número desde 2011 para 8 000, o que coloca o Sahel como a região mais mortífera do continente africano. Esta tendência manter-se-á num cenário de preocupante esvaziamento das instituições estatais no Mali e no Burquina Faso, agravada pela expulsão de diplomatas e militares franceses, o que tem criado condições favoráveis e nefastas à presença de forças mercenárias que recorrem frequentemente a campanhas de desinformação com o intuito de esconder o aumento das violações dos direitos humanos e das baixas civis associadas às suas operações. Também o Níger está a sofrer os efeitos do enfraquecimento das suas instituições, registando um baixo crescimento económico e, em consequência, uma inevitável agitação popular. Mesmo tendo em consideração os vários esforços empreendidos pelas instituições internacionais, a situação não para de se agravar, face aos avanços territoriais dos principais grupos e organizações jihadistas.

3. O Jihadismo Salafista no Sahel: uma Ameaça Crescente para a Europa

No seu último relatório, o *Observatorio Internacional de Estudios Sobre Terrorismo* (OIET) refere o facto de o acompanhamento da atividade jihadista mundial ter passado para segundo plano como resultado das atenções estarem viradas para o conflito do Médio Oriente, numa nova confrontação entre Israel e a Palestina, na sequência dos ataques terroristas levados a cabo pelo Hamas, a 7 de outubro, em território israelita. Não deixam de ser notadas, todavia, as fortes implicações que os mais recentes acontecimentos naqueles territórios estão a ter nas dinâmicas do jihadismo em termos globais, dada a instrumentalização dada tanto pela Al Qaeda como pelo DAESH num permanente apelo a ataques terroristas contra alvos judeus e ocidentais. Neste sentido, o próprio DAESH publicou conteúdos que davam instruções para ataques a alvos judeus no Ocidente, não sendo prudente ignorar os efeitos que este apelo possa ter na mobilização de *atores solitários* em territórios ocidentais. De resto, este contexto de instabilidade já obrigou vários países europeus a reforçar as suas medidas de segurança e a aumentar o nível de alerta, como são os casos, nomeadamente da França e da Bélgica.

Os múltiplos e graves acontecimentos ocorridos ao longo dos últimos anos em toda a região do Sahel poderão configurar um cenário de uma real ameaça, desde logo para a Europa, a partir da sua fronteira sul, como, também, para o resto do planeta, o que exige uma pronta reação por parte dos líderes mundiais na busca de parcerias que promovam a estabilidade e a segurança a par-

tir de ambas as margens do Mediterrâneo, onde, segundo a análise do *International Crisis Group*, se concentraram ao longo de 2023 alguns dos mais graves conflitos a nível mundial.

Os sucessivos golpes de Estado ocorridos em África têm provocado uma crescente instabilidade política e social em toda região do Sahel — seis golpes de Estado, desde 2020, em quatro países — dois no Mali e no Burkina Faso e um na Guiné e no Níger — são terreno fértil para a propagação do terrorismo e das tensões políticas internas. Tal facto tem levado a uma migração forçada, que na maioria dos casos tem como destino os Estados vizinhos. Ainda assim, são muitos os migrantes que optam por viajar para a Europa, seja através das Ilhas Canárias ou da rota do Mediterrâneo. Sendo certo que o DAESH não põe em risco a segurança das Ilhas Canárias, mas impulsiona a migração interna e a migração para a Europa.

4. Região do Sahel – Tendências para 2024

Sob o ponto de vista político e social, e de conformidade com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, a região central do Sahel, que engloba o Burkina Faso, o Mali e o Níger, enfrenta uma grave crise humanitária e de proteção, prevendo-se que a situação política, económica e securitária, caracterizada por sucessivos golpes de Estado, conflitos armados intensos e em expansão e uma pobreza extrema, se deteriore ainda mais em 2024.

É provável que as violações dos direitos humanos aumentem com a escalada do conflito, e que um maior número de pessoas deslocadas fique fora do alcance da assistência, conduzindo a novas movimentações para as zonas urbanas da região. Além disso, à medida que as capacidades nacionais se tornam cada vez mais limitadas, as pessoas deslocadas serão forçadas a fugir para os países vizinhos. Muitos continuarão a deslocar-se dentro da região e em direção aos países costeiros, ou mesmo para a Europa. De salientar, a este propósito, que o Burkina Faso e o Mali já figuravam entre as principais nacionalidades chegadas por mar a Itália, ao longo do primeiro semestre de 2023.

Em termos securitários, e segundo o *International Crisis Group*, a região manter-se-á como epicentro mundial do jihadismo salafista global, continuando a ser a que regista o maior número de ataques e vítimas do terrorismo. O Mali e o Burkina Faso serão os países mais afetados pelo terrorismo da Al Qaeda, do DAESH e dos grupos e movimentos seus afiliados. Destaque, ainda, para a região da bacia do Lago Chade, onde estão presentes o Boko Haram e outras organizações ligadas ao DAESH. Haverá novos focos da atividade jihadista em África, com extensões do Mali e do Burkina Faso para o interior das fronteiras de países como o Togo, o Benim ou a Costa do Marfim.

Ainda de acordo com este estudo, verificar-se-á a continuidade do modelo de acção terrorista na Europa, onde, desde finais de 2017, a grande maioria das acções terroristas cometidas tem obedecido a um mesmo paradigma, através do qual indivíduos sem qualquer tipo de vínculo organizativo a um agrupamento terrorista decidem, por conta própria (*lone actor*), cometer um ataque com poucos recursos, após terem sido submetidos a um rápido processo de radicalização. De notar, por outro lado, uma suspensão estratégica da agenda internacional das duas maiores organizações do terrorismo jihadista transnacional [Al Qaeda e DAESH], para as quais é prioritária, de momento, a exploração das rivalidades entre grupos e dos conflitos locais e regionais. Será uma questão de tempo, contudo, para que a Al Qaeda e o DAESH reorientem a sua atenção para o Ocidente.

A situação no Sahel configura-se, de momento, como a mais séria ameaça à segurança e aos mais elevados valores civilizacionais. Todavia, a retirada das forças internacionais do Afeganistão, a partir de Agosto de 2021, entendida pela Al Qaeda como uma significativa vitória da *jihad global*, tem vindo a permitir à organização terrorista uma renovada margem operacional reforçada pela presença de estruturas suas afiliadas em grande parte do continente africano. O grande falhanço ocidental no Afeganistão parece estar a dar um novo alento rumo ao proclamado *Califado Universal*, com o surgimento de uma nova versão do velho *santuário terrorista* afegão, extinto em 2001, e as trágicas consequências que daí poderão advir para a sociedade mundial. Prevê-se, assim, que a situação política, económica e securitária, caracterizada por repetidos golpes de Estado, por um conflito armado intenso e em expansão e por uma pobreza extrema, continue a deteriorar-se, em 2024, sendo bem provável que as violações dos direitos humanos aumentem com a escalada dos conflitos.

5. O Combate ao Jihadismo Salafista na Região do Sahel

Para uma adequada elaboração da estratégia de segurança a implementar, torna-se fundamental compreender e avaliar a ameaça. O Mali, o Burquina Faso e o Níger são ameaçados por grupos extremistas violentos com diferentes tipos de motivações — geográficas, étnicas, ideológicas e políticas —. Ao longo dos anos, os grupos jihadistas têm demonstrado a sua capacidade de criar estruturas de governação interna que permitem a continuidade em caso de contingências imprevistas, como a morte de um líder ou comandante. A recente tomada do poder pelos Talibãs no Afeganistão contribuiu para encorajar ainda mais estes grupos. Embora as forças de segurança nacionais e internacionais tentem continuamente combater e eliminar estes grupos, uma abordagem mais orientada para os resultados consistiria em considerar os fa-

tores políticos e socioeconómicos que lhes estão associados e que alimentam as suas atividades na região (King's College London).

Para os analistas do *Africa Center for Strategic Studies*, os grupos jihadistas que atuam na região são frequentemente caracterizados como pertencendo a uma de duas bandeiras abrangentes — a *Jama'at Nasrat al Islam wal Muslimin* (JNIM), afiliada à Al Qaeda, e o *Estado Islâmico no Grande Sara* (ISGS) — onde os seus militantes são menos extensões de organizações terroristas globais do que expressões de conflitos locais. Estes grupos militantes são liderados por espoliadores locais carismáticos e politicamente ativos que canalizam e exploram as queixas locais relacionadas com a perceção de injustiça, marginalização política, discriminação étnica e pobreza. Algumas pessoas estão receptivas às narrativas jihadistas devido às fraquezas genuínas dos governos da região, que têm sido caracterizados como negligentes e abusivos. Neste cenário, os habitantes apontam frequentemente para uma grande impunidade no que respeita a abusos, injustiças e corrupção.

Há, todavia, muitos outros fatores a considerar, como seja o desenvolvimento económico de todos os países que integram a região, no sentido de diminuir a pobreza e a marginalização socioeconómica, como potenciadoras do recrutamento de jovens para as fileiras dos grupos terroristas e do crime organizado, cujas parcerias têm vindo a ser reforçadas nos últimos tempos. Paralelamente, deverá ser tida em conta uma abordagem verdadeiramente multidimensional que envolva, para além do desenvolvimento, a segurança, a reconciliação e a governança eficaz para combater o terrorismo de forma abrangente, onde a cooperação regional seja encorajada, com a desejável partilha de informações de inteligência e a consequente coordenação de esforços para o eficaz combate ao terrorismo em toda a região. Tudo isto a par do envolvimento de todas as comunidades locais, através de programas de sensibilização, diálogo e prevenção do extremismo violento e das suas fontes de financiamento, como o contrabando e os tráficos de drogas e de armas.

6. Considerações Finais

O sentimento de profunda preocupação manifestado pela Comunidade Internacional face à rápida e crescente proliferação do terrorismo na região do Sahel e a sua expansão até aos países do Golfo da Guiné, é, agora, agravado pela revelação de novos *santuários* do jihadismo salafista global. Com efeito, a saída precipitada dos Estados Unidos do território afegão e o rápido regresso dos Talibãs ao poder puseram em causa os esforços dos norte-americanos e dos seus aliados na promoção de uma efetiva estabilidade regional. De facto, a tentativa de construir um Estado sólido no Afeganistão foi um inequívoco

fracasso. Deste modo, o risco de o jihadismo salafista global recuperar antigos territórios, verdadeiros *santuários*, parece estar a redesenhar-se. No horizonte, surgem, assim, duas regiões de largo interesse estratégico para o Movimento Salafista Universal: O Sahel, mesmo às portas da Europa, o mais preocupante, justificadamente, de resto, dada a existência do maior número de *Estados falhados* a nível mundial (Fragile States Index 2022), e, de novo, o Afeganistão, com o envolvimento do Estado Islâmico Khorasan (IS-K), afiliado do DAESH na região da Ásia Central, que continua a ser uma ameaça persistente ao poder político dos Talibãs, com uma influência crescente junto da população mais jovem do Tadjiquistão, do Quirguistão e do Uzbequistão.

Os *santuários* jihadistas sempre desempenharam um papel importante nas atividades dos grupos e das organizações terroristas, constituindo territórios onde os atores não-estatais violentos se abrigam longe dos olhares e do controlo das autoridades, onde planeiam as suas ações. São, na verdade, “territórios operacionais seguros onde um grupo é capaz de manter uma estrutura que pode apoiar as suas atividades subversivas” (Innes, 2007, p. 16).

No caso do Afeganistão, e apesar das garantias dadas pelos Talibãs, nos Acordos de Doha, de fevereiro de 2020, a Al Qaeda mantém uma aliança estreita com os líderes afegãos, permitindo à Organização o regresso a um dos seus velhos *santuários*, enquanto outros, algures no continente africano, se edificam. Mesmo às portas da Europa.

Data de receção: 08/05/2023

Data de aprovação: 13/12/2023

Referências

- Ibáñez, L. (2021). *Historia de la yihad*. Madrid, Editorial La Catarata.
- Ibáñez, L.; JORDÁN, J. (2007). *La yihad terrorista*. Madrid, Editorial Síntesis.
- Innes, M. A. (2007). *Streets Without Joy: A Political History of Sanctuary and War, 1959–2009*. London, Hurst Publishers.
- Mañas, F. M. (2009). *La evolución organizativa del terrorismo yihadista en España (1996–2006)*. Granada, Universidad de Granada/Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. Tese de doutoramento.
- Napoleoni, L. (2004). *Yihad: Cómo se financia el terrorismo en la nueva economía*. Barcelona, Urano.

Publicações

Africa Center for Strategic Studies. Disponível em: <https://africacenter.org/publication/strengthening-sahelian-counterinsurgency-strategy/>

- Africa Center for Strategic Studies. Disponível em: <https://africacenter.org/spotlight/five-zones-militant-islamist-violence-sahel/>
- Africa Center for Strategic Studies. Disponível em: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2023/03/MIG-highlights-2023.pdf>
- Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Disponível em: <https://reporting.unhcr.org/operational/situations/sahel-situation>
- Center for Strategic & International Studies. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/what-africa-experts-are-watching-2023>
- European Council – Council of the European Union. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/policies/fight-against-terrorism/>
- Frontex. Análise de Risco para 2022/2023. Disponível em: https://www.frontex.europa.eu/assets/Publications/Risk_Analysis/Risk_Analysis/ARA_2022_Public_Web.pdf
- Fund for Peace (FFP). Disponível em: <https://fragilestatesindex.org/wp-content/uploads/2022/07/22-FSI-Report-Final.pdf>
- Institute for Economics & Peace. Global Terrorism Index 2023. Disponível em: <https://www.visionofhumanity.org/wp-content/uploads/2023/03/GTI-2023-web-170423.pdf>
- Instituto Español de Estudios Estratégicos. Disponível em: https://www.ieee.es/en/Galerias/fichero/docs_opinion/2023/DIEEEO91_2023_PAUCAB_Sahel.pdf
- International Crisis Group. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/crisiswatch>
- King's College London. Disponível em: <https://www.kcl.ac.uk/mapping-the-contours-of-jihadist-groups-in-the-sahel>
- Observatorio Internacional se Estudios sobre Terrorismo. Disponível em: <https://observatorioterrorismo.com/analisis/observatorio-de-atentados-yihadistas-de-octubre-de-2023/>

Sobre o autor

JOÃO HENRIQUES é Investigador Associado do OBSERVARE (Observatório de Relações Exteriores), da Universidade Autónoma de Lisboa. É doutorado em Relações Internacionais (Especialidade: Estudos de Segurança e Estratégia) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. É Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais (Especialidade: Estudos Políticos de Área) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. É Auditor de Defesa Nacional pelo *Institut des Hautes Études de Défense Nationale* (IHEDN), de Paris. É membro da Associação de Auditores Euromed-IHEDN, França. É Vice-presidente do Observatório do Mundo Islâmico. É colaborador regular do *Jornal i*, com a publicação de vários artigos sobre temáticas do Mundo Islâmico. É colaborador esporádico de outros órgãos da Comunicação Social (escrita e televisionada). Tem publicado o livro *O Radicalismo Islamista na Península Ibérica – A Reconquista do Al Andalus*, Lisboa, Editora Diário de Bordo, 2012.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8400-7204>]

About the author

JOÃO HENRIQUES is an Associated Researcher of OBSERVARE (Observatory of External Relations), of the Universidade Autónoma de Lisboa. He is PhD in International Relations (Specialty: Security and Strategy Studies) by the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. He is Master in Political Science and International Relations (Specialty: Area Political Studies) by the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. He is a National Defence Auditor at the Institut des Hautes Études de Défense Nationale (IHEDN), in Paris. He is a member of the Association of Auditors Euromed-IHEDN, France. He is Vice-President of the Islamic World Observatory. He is a regular contributor to the *Jornal i*, with the publication of various articles on themes of the Islamic World. He is a sporadic contributor to other media (written and televised). He has published the book *O Radicalismo Islamista na Península Ibérica – A Reconquista do Al Andalus*, Lisbon, Diário de Bordo Publishers, 2012.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8400-7204>]